

LIÇÃO 11 - Movimento e Mudança

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 1067b 1-1068a 7

“ 1005. Tudo o que é mudado é mudado ou acidentalmente, como quando dizemos que um músico anda; ou é mudado sem qualificação porque algo que lhe pertence é mudado, como o que é mudado em algumas de suas partes; por exemplo, diz-se que o corpo é curado porque o olho o é. E há algo primário que é movido por si mesmo, e isto é o que é essencialmente móvel.

1006. A mesma divisão se aplica a um motor, pois ele causa movimento ou acidentalmente, ou em alguma parte de si mesmo, ou essencialmente.

1007. E há um motor primário e algo que é movido. E há também um tempo no qual é movido, e algo a partir do qual é movido, e algo para o qual é movido. Mas as formas e modificações e lugar para os quais as coisas em movimento são movidas são imóveis, como a ciência e o calor. O calor não é movimento, mas o aquecimento é.

1008. Ora, a mudança que não é acidental não se encontra em todas as coisas, mas entre contrários e entre seus intermediários e entre contraditórios. Podemos nos convencer disso por indução. Tudo o que é mudado é mudado ou de um sujeito para um sujeito, ou de um não-sujeito para um não-sujeito, ou de um sujeito para um não-sujeito, ou de um não-sujeito para um sujeito. E por sujeito entendo o que é expresso por um termo afirmativo. Portanto, deve haver três mudanças; pois ir de um não-sujeito para um não-sujeito não é mudança, porque, como os limites não são nem contrários nem contraditórios, não há oposição (1008).

1009. A mudança de um não-sujeito para um sujeito que é seu contraditório é geração; e, se for absoluta, é geração em sentido absoluto, e, se for parcial, é geração parcial; e a mudança de um sujeito para um não-sujeito é destruição.

1010. Se o não-ser tem vários significados diferentes, então nem aquilo que envolve uma combinação ou separação de termos, nem aquilo que se refere à potência e se opõe ao ser em sentido absoluto, é capaz de ser movido (pois o

que não é branco ou não é bom pode ser movido apenas acidentalmente, já que o que não é branco pode ser um homem). Mas o não-ser em sentido absoluto não pode ser movido de modo algum, porque é impossível para o não-ser ser movido. E se isto é assim, a geração não pode ser movimento, porque o não-ser é gerado. Pois, mesmo que seja certamente gerado acidentalmente, ainda será verdadeiro dizer que o que é gerado em sentido absoluto é não-ser. O mesmo argumento se aplica ao repouso. Estas são, então, as dificuldades que resultam desta visão. E se tudo que é movido está em um lugar, embora o não-ser não esteja em um lugar, ele teria que estar em algum lugar. Nem a destruição é movimento; pois o contrário do movimento é movimento ou repouso, mas o contrário da destruição é geração.

1011. E uma vez que todo movimento é um tipo de mudança, e as três mudanças são as descritas (1008), e destas, aquelas que se referem à geração e à destruição não são movimentos, e estas são mudanças entre contraditórios, apenas a mudança de um sujeito para um sujeito deve ser movimento. E os sujeitos são ou contrários ou seus intermediários — pois a privação é dada como um contrário — e são expressos por um termo afirmativo, por exemplo, nu, desdentado ou preto.

COMENTÁRIO

2355. Tendo explicado o que é o movimento, e tendo tratado do infinito, que é um certo atributo do movimento, aqui o Filósofo estabelece a verdade sobre as partes do movimento. Isso se divide em duas partes. Na primeira (1005:C 2355) ele distingue as partes do movimento; e na segunda (1021:C:2404) ele explica a conexão entre o movimento e suas partes ("Coisas que são").

A primeira é dividida em três membros, correspondendo às três divisões que ele faz no movimento, embora uma delas esteja incluída sob a outra como uma subdivisão da divisão anterior.

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele divide o movimento quanto à coisa movida; e segundo (1006:C 2358), quanto a um motor ("A mesma divisão").

Ele diz, portanto, primeiro (1005), que uma coisa pode ser mudada de três maneiras. De um modo, uma coisa é mudada apenas acidentalmente, como quando algo é dito ser mudado porque a coisa à qual pertence é mudada, seja pertencendo a ela como um acidente a um sujeito, como quando dizemos que um músico anda, ou como uma forma substancial à matéria, como a alma pertence ao corpo que é movido; ou como uma parte é dita ser movida quando o todo é movido, ou também como algo contido é movido quando seu continente é movido, como um marinheiro é dito estar em movimento quando seu navio está em movimento.

2356. De um segundo modo, uma coisa é dita ser mudada sem qualificação porque alguma parte dela é mudada, como aquelas coisas que são movidas em alguma parte; por exemplo, o corpo de um homem é dito ser curado porque o olho o é; e isto é ser movido essencialmente, mas não em primeiro lugar.

2357. De um terceiro modo, uma coisa é dita ser movida primariamente e por si mesma; como quando um todo é movido em sua totalidade, por exemplo, quando uma pedra é movida para baixo.

2358. A mesma divisão (1006).

Ele então dá a mesma divisão em relação a um motor; pois uma coisa é dita ser um motor de três maneiras. Primeiro, uma coisa é dita causar movimento acidentalmente; como quando um músico constrói.

2359. Segundo, uma coisa é dita ser um motor em relação a alguma de suas partes; como quando um homem golpeia e fere alguém com sua mão.

2360. Terceiro, uma coisa é dita ser um motor essencialmente; como quando o fogo aquece e um médico cura.

2361. E há (1007).

Em seguida, ele apresenta uma segunda divisão do movimento ou mudança, e sobre isso faz três coisas. Primeiro (1007:C 2361), ele prefacia sua discussão com certos pontos necessários para a compreensão da divisão do movimento. Segundo (1008:C 2363), ele divide o movimento (“Agora, a mudança”). Terceiro (1009:C 2366), ele explica a divisão da mudança (“A mudança”).

Ele diz, primeiro, que há cinco coisas encontradas em toda mudança. Primeiro, há um motor primário; segundo, algo que é movido; terceiro, um tempo durante o qual o movimento ocorre, pois todo movimento ocorre no tempo; quarto, um ponto de partida do qual o movimento se inicia; e quinto, um termo para o qual o movimento prossegue. No entanto, o movimento ou mudança não se divide em espécies nem com base no motor, nem na coisa movida, nem no tempo, porque estes são comuns a toda mudança; mas se divide com base no ponto de partida do qual se inicia e no termo para o qual prossegue.

2362. Ele, portanto, explica os dois últimos, dizendo que “as formas”, i.e., princípios especificadores, “as modificações”, i.e., qualidades, e “o lugar”, são limites do movimento, porque aquelas coisas que são móveis são movidas em relação a estes. Ele usa o termo formas, por causa da geração; modificações, por causa das alterações; e lugar, por causa do movimento local. Ele dá exemplos de modificações usando ciência e calor. E porque poderia parecer a alguns que o calor é o mesmo que alteração, e então se seguiria que o calor é movimento e não um limite ou termo do movimento, ele diz, portanto, que o calor não é movimento, mas o aquecimento o é.

2363. Agora, a mudança (1008).

Então, deixando de lado duas partes da primeira divisão, ele toma a terceira, a saber, a mudança que não é acidental nem em uma parte, e a subdivide de acordo com seus limites. Ele diz que a mudança que não é acidental não se encontra entre quaisquer limites; mas seus limites devem ser ou contrários, como a mudança de branco para preto, ou intermediários, como a mudança de preto para vermelho e de vermelho para cinza; ou há mudança entre contraditórios, como de branco para não-branco, e vice-versa. Ele nada diz sobre opostos privativos porque eles se encontram

entre contraditórios e contrários e são entendidos como subsumidos a estes.

2364. Ele mostra por indução que a mudança ocorre apenas entre os limites mencionados acima; pois os limites da mudança admitem quatro combinações possíveis: primeiro, quando ambos os limites são termos afirmativos ou positivos, como quando algo é dito ser mudado de branco para preto, e essa mudança ele descreve como de sujeito para sujeito; segundo, quando ambos os limites são termos negativos, como quando algo é dito ser mudado de não-branco para não-preto, ou, em suas palavras, de não-sujeito para não-sujeito; terceiro, quando o ponto de partida do qual a mudança se inicia é um termo positivo e o termo para o qual ela prossegue é negativo, como quando uma coisa é dita ser mudada de branco para não-branco, ou, como ele diz, de sujeito para não-sujeito; quarto, quando o ponto de partida da mudança é um termo negativo e o termo para o qual ela prossegue é positivo, como quando uma coisa é dita ser mudada de não-branco para branco, ou, como ele diz, de não-sujeito para sujeito. Ele explica o significado do termo sujeito que usou, como o que é significado por um termo afirmativo ou positivo.

2365. Agora, uma dessas quatro combinações é inútil; pois não há mudança de não-sujeito para não-sujeito, porque dois termos negativos, como não-branco e não-preto, não são nem contrários nem contraditórios, já que não são opostos; pois podem ser afirmados verdadeiramente do mesmo sujeito, porque há muitas coisas que não são nem brancas nem pretas. Portanto, como a mudança é entre opostos, como é provado no Livro I da *Física*, segue-se que não há mudança de não-sujeito para não-sujeito. Portanto, deve haver três tipos de mudança, dois dos quais se relacionam com a contradição e o outro com a contrariedade.

2366. A mudança (1009).

Então ele mostra quais são essas três mudanças; e sobre isso faz três coisas. Primeiro, ele mostra que a geração e a destruição são duas delas. Segundo (1010:C 2368), ele mostra que nenhuma delas é movimento (“Se o não-ser”). Terceiro (1011:C 2375), ele tira sua conclusão sobre qual mudança é chamada de movimento (“E como todo”).

Ele diz, portanto, primeiro (1009), que das três mudanças mencionadas acima, aquela que é de não-sujeito para sujeito, ou entre termos contraditórios, é chamada de geração. E esta é dupla; pois há mudança ou de não-ser em sentido absoluto para ser em sentido absoluto (geração em sentido absoluto), e isso ocorre quando um sujeito móvel é substancialmente mudado; ou há mudança de não-ser para ser, não em sentido absoluto, mas em sentido qualificado, por exemplo, mudança de não-branco para branco (geração em sentido qualificado).

2367. Mas aquela mudança que procede de um sujeito para um não-sujeito é chamada de destruição; e nesta mudança também distinguimos entre destruição em sentido absoluto e em sentido qualificado, como fizemos no caso da geração.

2368. Se o não-ser (1010).

Então o Filósofo mostra que nenhuma dessas mudanças é movimento. Primeiro (1010:C 2368), ele mostra que isso é verdadeiro para a geração; e segundo (*ibid.*), que é verdadeiro para a destruição (“Nem a destruição”).

Ele diz, portanto, primeiro (1010), que o termo *não-ser* é usado no mesmo número de sentidos que *ser* é. Um significado é a combinação e separação encontrada em uma proposição; e como isso não existe na realidade, mas apenas na mente, não pode ser movido.

2369. Ser e não-ser são usados em outro sentido com referência à atualidade e potencialidade. Aquilo que é atual é um ser em sentido absoluto, mas aquilo que é apenas potencial é um não-ser. Ele diz, portanto, que mesmo esse tipo de não-ser que é um ser potencialmente, mas não atualmente, não pode ser movido.

2370. Ele explica por que havia dito que o não-ser atual se opõe ao ser em sentido absoluto, quando acrescenta "pois o que não é branco". Pois o ser potencial, que se opõe ao ser atual e não é ser em sentido absoluto, pode ser movido, porque aquilo que não é não-branco atual ou não-bom atual pode ser movido, mas apenas acidentalmente. Pois o que é movido não é o não-branco em si, mas o sujeito no qual essa privação se encontra, e este é um ser atual. Pois aquilo que não é branco pode ser um homem, mas aquilo que é não-ser atual em sentido absoluto, i.e., na substância, não pode ser movido de modo algum. Ora, se todas essas afirmações são verdadeiras, digo, é impossível que o não-ser seja movido. E se este é o caso, a geração não pode ser movimento, porque o não-ser é gerado. Pois a geração, como foi apontado (1009:C 2366), procede do não-ser ao ser. Logo, se a geração em sentido absoluto fosse movimento, seguir-se-ia que o não-ser em sentido absoluto seria movido.

2371. Mas pode-se levantar uma objeção a este raciocínio dizendo que o não-ser é gerado apenas acidentalmente; pois "o sujeito da geração", i.e., um ser em potência, é gerado essencialmente. Mas o não-ser significa privação em uma matéria. Logo, é gerado apenas acidentalmente.

2372. Pois mesmo que (*ibid.*).

Então ele refuta essa objeção. Ele diz que, mesmo que um ser seja gerado apenas acidentalmente, no entanto é verdadeiro dizer que o que é gerado em sentido absoluto é não-ser. E de cada um destes é verdadeiro dizer que não pode ser movido. Similarmente, não pode estar em repouso, porque o não-ser em sentido absoluto não está nem em movimento nem em repouso. Esses são os resultados insustentáveis se alguém sustenta que a geração é movimento.

2373. Para mostrar que o não-ser não é movido, ele acrescenta que tudo o que é movido está em um lugar, porque o movimento local é o primeiro de todos os movimentos, enquanto o não-ser em sentido absoluto não está em um lugar; pois [se fosse movido] estaria então em algum lugar. Logo, não pode ser movido; e, portanto, a geração não é movimento.

2374. Nem a destruição (*ibid.*).

A partir dessas considerações, ele mostra ainda que a destruição não é movimento; pois a única coisa que se opõe ao movimento é o movimento ou o repouso. Mas a destruição se opõe à geração. Portanto, se a destruição fosse movimento, a geração teria que ser movimento ou repouso. Mas isso não pode ser verdade, como foi mostrado.

2375. E uma vez que todo movimento (1011).

Em seguida, ele mostra qual mudança é dita ser movimento. Ele diz que todo movimento é um tipo de mudança. Mas há apenas três mudanças, e duas delas, que envolvem contraditórios, i.e., geração e destruição, não são movimento. Segue-se, então, que apenas a mudança de um sujeito para um sujeito é movimento. E como os sujeitos entre os quais o movimento ocorre devem ser opostos entre si, eles devem ser contrários ou intermediários; pois mesmo que uma privação seja expressa por um termo afirmativo, como nu, desdentado e preto, ela é considerada um contrário, porque a privação é a contrariedade primária, como foi apontado no Livro X (852:C 2049). E ele diz que preto é uma privação não em sentido absoluto, mas na medida em que participa deficientemente da natureza de seu gênero.

Revision #2

Created 19 September 2026 00:28:40 by Admin

Updated 19 September 2026 00:37:11 by Admin